



Ativos

CEREAIS, FIBRAS E OLEAGINOSAS

Ano 9 Edição 20 - Dezembro de 2016

twitter.com/SistemaCNA
facebook.com/canaldoprodutor
instagram.com/cna_brasil

www.cnabrasil.org.br
www.canaldoprodutor.tv.br

Safra de trigo sinaliza rentabilidades distintas no Paraná e Rio Grande do Sul

A colheita de trigo avança e/ou até finaliza em algumas regiões produtoras do Brasil. A produtividade tem sido satisfatória, e com poucos problemas fitossanitários relatados por produtores. Quanto aos preços, estiveram em alta na maior parte da safra. Dessa forma, no Paraná, onde a colheita já foi encerrada em alguns municípios, os resultados foram positivos. Já no Rio Grande do Sul, tricultores relataram perdas na qualidade e também na produtividade e a safra 2015/2016 apresentou retorno negativo.

Esses resultados tiveram como base informações levantadas nos painéis realizados pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, e pela CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) no Projeto Campo Futuro, além das coletas mensais de preços de insumos. O Cepea/CNA calculou as rentabilidades do trigo com base no Custo Operacional Efetivo (COE) de janeiro/2016 a março/2016 em Cascavel (PR) e de janeiro a junho deste ano em Guarapuava (PR) e Carazinho (RS). A Receita Bruta (RB) média foi calculada com base nos últimos meses de setembro e outubro.

Em Cascavel (PR), a RB obtida com a safra de trigo foi de R\$ 1.851,64/ha, valor suficiente para cobrir o COE, calculado em R\$ 1.728,05/ha. O retorno por Real investido da atividade para esta safra foi de 7%, o que caracteriza um cenário positivo. Em Guarapuava (PR), a RB foi de R\$ 2.237,22/ha, gerando lucro ainda maior. Mesmo com COE superior, de R\$ 1.985,52/ha, o retorno real foi de 13%.

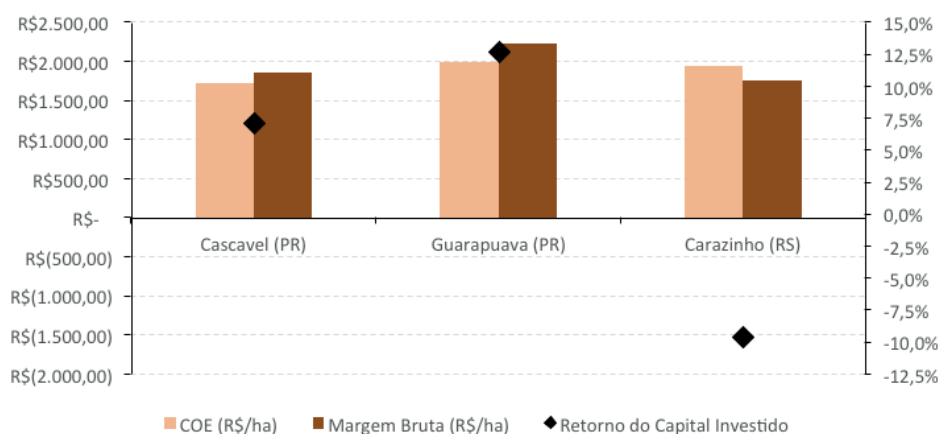
Em Carazinho (RS), a RB obtida foi de R\$ 1.176,07/ha, insuficiente para cobrir os desembolsos, que totalizaram no COE R\$ 1.948,48/ha. Com a Receita Líquida Operacional negativa, o retorno real da safra foi de -10%.

Quanto à colheita do trigo, foi finalizada na terceira semana de outubro em Londrina (PR) e Cascavel (PR). Segundo indicações de colaboradores do Cepea, a produtividade média da região paranaense chegou a 55 sacas/hectare, superando em 22% a expectativa inicial, de 45 sc/ha. De modo geral, para controle de doenças, foram realizadas ao longo da safra três aplicações de defensivos em Londrina e quatro em Cascavel.

Em Guarapuava (PR) e Ponta Grossa (PR), a colheita ainda está no início. Até a última semana de outubro, cerca de 5% da área havia sido retirada, segundo indicações de colaboradores do Cepea. A produtividade está elevada, próxima das 70 sc/ha. Foram realizadas até cinco aplicações de defensivos nas lavouras, focando, principalmente, no controle de mancha foliar e Oidium. Até o momento, poucos foram os casos de Brusone e Giberela.

Em relação ao Rio Grande do Sul, no norte do estado, a maior parte do trigo estava em fase de pré-colheita na última semana de outubro. O elevado volume de chuvas na região prejudicou o desenvolvimento da cultura, que apresentou problemas com giberela, ferrugem e mancha foliar. Segundo colaboradores do Cepea, as previsões de chuva preocupam, visto que podem prejudicar as lavouras e resultar em queda na produção. No oeste de Santa Catarina, o cenário é semelhante ao das regiões gaúchas. As lavouras estão em fase de pré-colheita, com registros de doenças e possibilidade de redução na produção.

Figura 1 - COE, Receita Líquida e RRCO do trigo na safra 2015/2016



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA, Cepea-Esalq/USP

Custo Operacional Efetivo (COE) da safra 2016/2017 de algodão aumenta quase 8% em Mato Grosso

A cotonicultura do Cerrado brasileiro tem enfrentado grandes desafios nas últimas safras. O clima desfavorável, que causou quebras na produção e o frequente aumento no Custo Operacional Efetivo (COE) têm resultado em diminuição da área plantada, segundo projeção elaborada com base nas informações de colaboradores do Cepea.

Para analisar a safra 2016/2017 de algodão nos principais estados produtores, Mato Grosso e Bahia, foi elaborada uma simulação de COE e preço de nivelamento. Para esse estudo, foram utilizados coeficientes técnicos das safras 2015/2016 e 2016/2017, coletados em painéis pelo Cepea/CNA, e preços de venda de insumos coletados mensalmente. Em Mato Grosso, foram analisadas as regiões de Primavera do Leste na safra de verão e Campo Novo do Parecis e Campo Verde na segunda safra. Na Bahia, o município analisado foi Luís Eduardo Magalhães.

Os COEs médios regionais de cada safra (com períodos de compra de insumo entre janeiro e outubro do ano passado para a safra 2015/2016 e do mesmo período deste ano para a safra 2016/2017) foram estimados e classificados pelas tecnologias WS, GLT e GL do algodão. Com a produtividade típica e o rendimento médio de pluma de 40%, foi simulado o preço de nivelamento em R\$/@ de pluma

para a safra 2016/2017.

Em Campo Novo do Parecis (MT), o algodão WS, plantado na segunda safra, apresentou alta de 11,1% no COE frente à safra 2015/2016, quando o COE médio foi de R\$ 7.345,67/ha. O valor para a safra 2016/2017 atinge R\$ 8.162,95/ha. Assim, para uma produtividade média da região de 112@/ha de pluma, o valor de venda deve atingir R\$ 72,88/@ de pluma para cobrir o COE da safra 2016/2017.

No algodão GL, o aumento no COE entre as duas safras foi de 10,3%. A tecnologia GL atinge R\$ 7.466,99/ha e obriga o produtor fixar o preço de venda a um valor mínimo de R\$ 66,67/@ de pluma para poder cobrir os desembolsos do COE. Já no GLT, essa diferença foi de 8,5%. Essa tecnologia é a mais cara em Campo Novo do Parecis (MT), com um COE de R\$ 8.422,16/ha, que representa um preço de nivelamento de R\$ 75,20/@pluma.

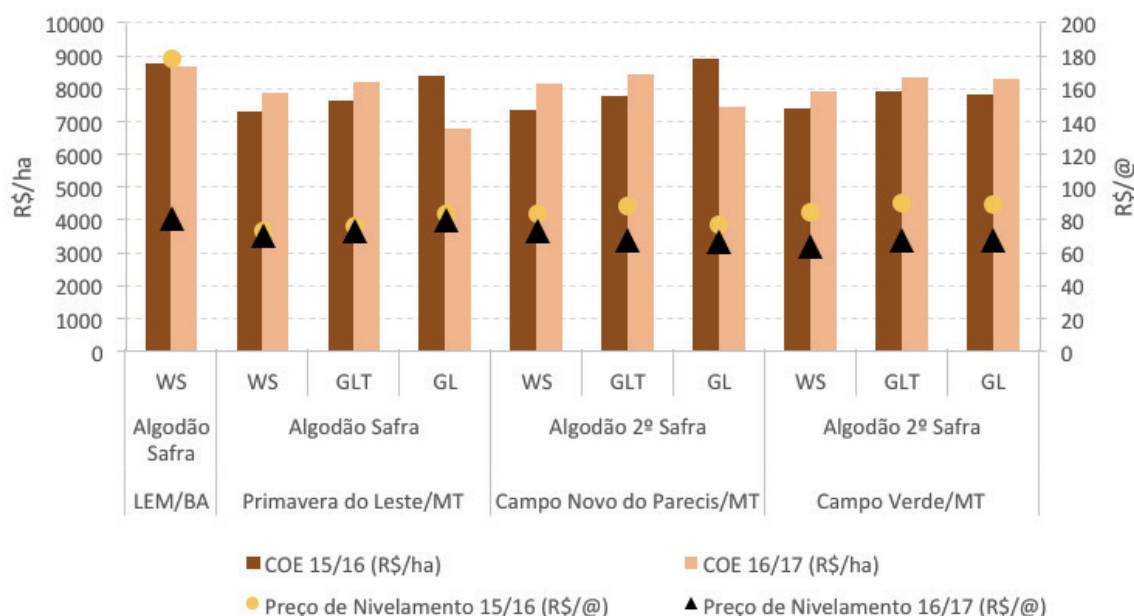
A região de Campo Verde (MT) indica elevação do COE médio um pouco acima de 6% da safra 2015/2016 para a 2016/2017. Porém, devido à produtividade de 124@pluma/ha – superior às das demais regiões analisadas – o preço de nivelamento é inferior. Dessa maneira, para o algodão WS, R\$ 63,81/@ de pluma é suficiente para o produtor cobrir o COE, calculado em R\$ 7.912,76/ha na safra 2016/2017. Já a tec-

nologia GLT exige um preço de nivelamento um pouco maior, de R\$ 67,25/@pluma, visto que o COE médio é de R\$ 8.339,07/ha. O GL, por sua vez, tem COE de R\$ 8.321,60/ha, com o preço de nivelamento de R\$ 67,11/@pluma.

A região de Primavera do Leste (MT) registra o menor COE para o algodão WS entre as praças analisadas pelo Cepea/CNA, de R\$ 7.863,30/ha. Porém, com produtividade média de 112@pluma/ha, o preço de nivelamento da tecnologia é de R\$ 70,21/@pluma. A tecnologia GLT tem COE médio de R\$ 8.184,55/ha, exigindo R\$ 73,08/@pluma para cobrir os gastos operacionais da safra 2016/2017. A média de elevação do COE entre as tecnologias citadas foi de 7% na região.

Em Luís Eduardo Magalhães (BA), a tecnologia WS tem o COE médio superior a todas as regiões analisadas. Porém, foi à única praça onde a variação em relação à safra 2015/2016 decresceu. O produtor que gastou R\$ 8.758,27/ha na safra 2015/2016 despenderá R\$ 8.679,56/ha nesta temporada 2016/2017, variação negativa de 0,9%. A produtividade de nivelamento é de R\$ 80,37/@pluma, visto que a região conta com rendimento típico de 112@/ha.

Figura 2 – COE e preço de nivelamento nas safras 2015/2016 e 2016/2017 em Mato Grosso e na Bahia



Margens positivas favorecem milho 2º safra

O clima desfavorável no Cerrado (estiagem) e no Paraná (forte seca seguida por chuvas e granizo) no período de colheita da segunda safra de milho 2015/2016 prejudicou muitos agricultores. Agora, para a safra 2016/2017, produtores estão mais cautelosos quanto ao plantio do milho, mas os preços de venda no spot estão atrativos (em outubro, estiveram acima dos valores de nivelamento), tornando o cenário positivo em todas as praças analisadas.

O Cepea/CNA realizou uma simulação do preço de nivelamento para a safra 2016/2017 do milho segunda safra no Cerrado, considerando os coeficientes técnicos coletados em painéis. O Custo Operacional Efetivo (COE) foi calculado com o valor médio da compra de insumos entre janeiro/2016 e outubro/2016 e a produtividade média das regiões de Balsas (MA), Rio Verde (GO), Uberaba (MG), Primavera do Leste (MT), Campo Novo do Parecis (MT), Sorriso (MT), Cascavel (PR) e Londrina (PR).

Em Sorriso, o COE foi de R\$ 2.146,74/ha. Com produtividade média regional de 120 sc/ha, a produção precisaria ser vendida ao valor médio de R\$ 17,89/saca para cobrir as obrigações financeiras. Em outubro, o preço médio para a região foi de R\$ 23,47/sc. Desta maneira, o produtor teria R\$ 5,58/sc de margem sobre o desembolso.

Em Primavera do Leste (MT), o COE foi de

R\$ 2.119,71/ha. Considerando-se a produtividade típica de 110 sc/ha, seria preciso comercializar a produção ao preço médio de R\$ 19,27/sc. Como o preço médio negociado da saca de milho em outubro foi de R\$ 31,69, a margem sobre o COE seria de R\$ 12,42/sc.

Com COE de R\$ 1.989,22/ha e produtividade típica de 120 sc/ha, produtores de Campo Novo do Parecis (MT) precisariam comercializar a produção ao valor médio da saca de R\$ 16,58. Em outubro, o preço médio da saca foi de R\$ 28,49. Desta maneira, a margem sobre o COE seria de R\$ 11,91/sc.

Na região goiana de Rio Verde, o preço de nivelamento do milho 2ª safra foi de R\$ 19,70/sc, com produtividade típica média de 110 sc/ha e COE de R\$ 2.166,58/sc. Com o valor médio de venda de R\$ 35,50/sc em outubro, o produtor teria margem sobre o COE de R\$ 15,80/sc.

Em Uberaba (MG), a produtividade típica média é a maior do Cerrado, de 125 sc/ha. O produtor nesta região mineira deve vender sua produção acima de R\$ 16,72/sc para cobrir o COE de R\$ 2.089,40/ha. Como o preço médio de outubro foi de R\$ 36,13/sc, a margem sobre o COE ficou em R\$ 19,41/sc.

Já a praça maranhense de Balsas registrou a menor produtividade típica frente às demais regiões analisadas no Cerrado. Com o COE de R\$ 1.755,28/ha e produtividade

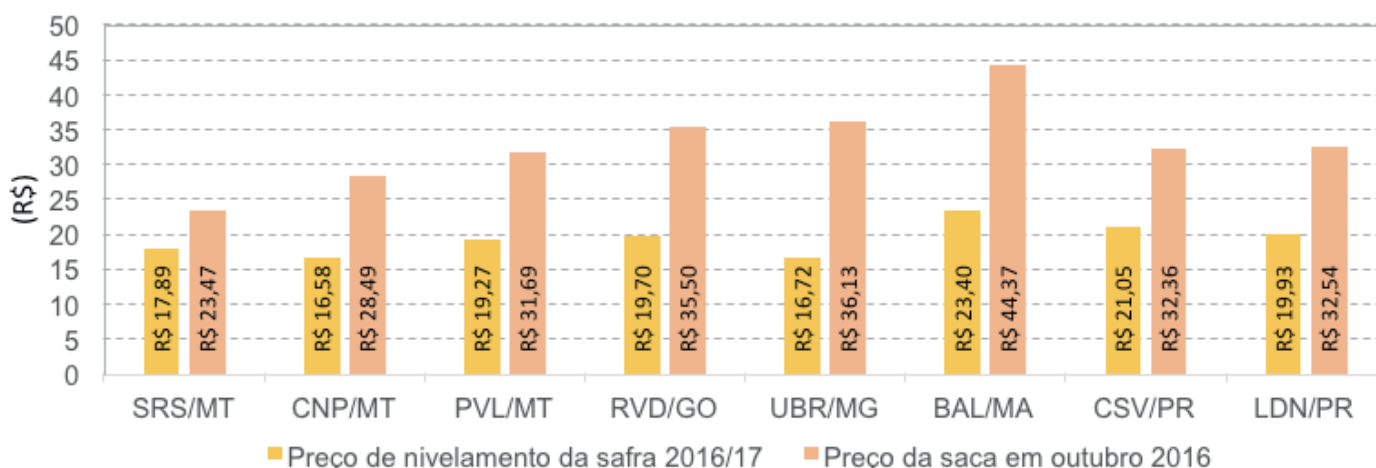
média de 75 sc/ha, o preço de nivelamento do desembolso é de R\$ 23,40/sc. O valor de venda médio do grão em outubro foi de R\$ 44,37/sc, o que ainda garante ao produtor R\$ 20,97/saca de margem sobre o custo operacional efetivo.

No Paraná, a região de Cascavel registrou a maior produtividade típica média analisada, de 135 sacas por hectare. Com o custo efetivo também mais elevado entre as regiões, R\$ 2.842,24/ha, é necessário que o produtor venda a saca por pelo menos por R\$ 21,05. Considerando-se o preço de venda médio em outubro de R\$ 32,36/sc, a margem do produtor é de R\$ 11,31/saca.

Em Londrina (PR), com uma produtividade típica média de 98 sc/ha, a simulação do preço de nivelamento foi de R\$ 19,93/sc, com base em um COE de R\$ 1.952,77/ha. Sobre o preço de venda de R\$ 32,54/sc na região, seria possível obter margem de R\$ 12,61/sc.

Nas regiões mato-grossenses, a comercialização de insumos para o milho 2ª safra 2016/2017 avança principalmente via *barter*. As compras de insumo estão adiantadas nesta safra em relação à safra anterior, justificada pelo momento favorável da melhor relação de troca, devido à queda do dólar e à alta no preço do milho. Em outubro, praticamente 60% dos fertilizantes já foram adquiridos, enquanto que no mesmo período da safra passada o volume adquirido dos fertilizantes era de 25%.

Figura 3 – Preço de nivelamento (R\$/sc) da safra 2016/2017 e preço de venda da saca no mercado spot



Fertilizantes intermediários ficam até 30% mais baratos de agosto a outubro

Os preços médios dos fertilizantes caíram no período de agosto a outubro deste ano em relação ao mesmo intervalo do ano passado. Segundo pesquisas do Cepea, a desvalorização chegou a 30,6% para a ureia em Dourados (MS). Ao longo do período, o mercado apresentou comportamento misto, reflexo das oscilações do dólar diante de um cenário de incertezas políticas e macroeconômicas. O afastamento definitivo da ex-presidente Dilma, as medidas de ajuste fiscal para conter a recessão e o adiamento da elevação da taxa de juros nos EUA para o final de 2016 levaram à desvalorização do dólar. Na média, a moeda norte-americana foi cotada a R\$ 3,21, desvalorização de 14,7% no comparativo anual.

O valor médio da ureia no porto de Yuzhnyy (Ucrânia) foi de US\$ 188,20/tonelada (agosto a outubro), recuo de 28,1% em relação ao mesmo período de 2015. O

KCL foi negociado no porto de Vancouver (Canadá) a US\$ 230,00/tonelada, queda de 25,2% no mesmo comparativo. Para o MAP, a tonelada foi cotada a US\$ 345,90/t no porto de Marrocos, baixa de 29,4%.

Entre os adubos analisados no mercado interno, o que mais se desvalorizou no comparativo de agosto a outubro deste ano com igual período de 2015 foi a ureia. Em Dourados (MS), o nitrogenado ficou 30,6% mais barato, com o valor médio passando de R\$ 1.624,59/tonelada para R\$ 1.126,99/tonelada. Em Rio Verde (GO), a tonelada caiu 27,4%, em Uberaba (MG), 26,9%, e, em Cascavel (PR), 26,3%.

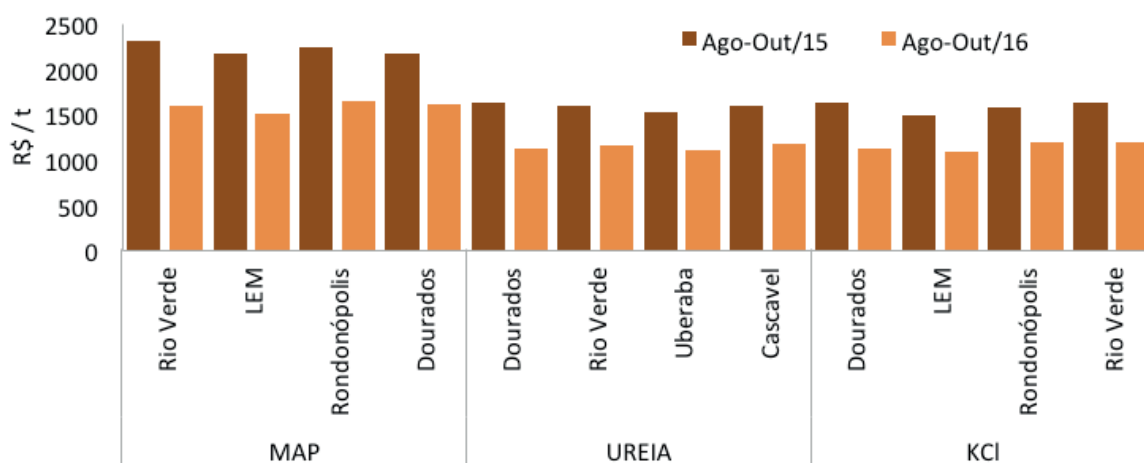
O MAP também registrou significativas quedas nos preços. Em Rio Verde (GO), o valor da tonelada de agosto a outubro caiu 30,5% em relação ao mesmo intervalo do ano passado. Em Luís Eduardo Magalhães (BA), a baixa foi de 30,3%, com o menor valor médio da tonelada entre as regiões

acompanhadas, de R\$ 1.511,00. Nas regiões de Rondonópolis (MT) e Dourados (MS), as quedas foram de 26,2% e 25,8%, respectivamente.

Para o cloreto de potássio, em Dourados (MS), o preço caiu 30,4%, de R\$ 1.621,68/t de agosto a outubro de 2015 para R\$ 1.128,48/t neste ano. Em Luís Eduardo Magalhães (BA), a desvalorização foi de 27,3% e, em Rio Verde (GO), de 26,5%. Nas regiões de Rondonópolis (MT) e Sorriso (MT), as quedas foram de 24,9% e 24%, respectivamente.

Para os próximos meses, os valores domésticos dos fertilizantes podem reagir, devido à interrupção do recuo dos preços internacionais e à valorização do dólar frente ao Real, justificada pela expectativa da elevação da taxa de juros nos EUA e pela incerteza sobre as medidas do novo governo norte-americano. 🌱

Figura 4 – Preço médio da tonelada dos fertilizantes intermediários nas principais regiões produtoras de grão



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA, Cepea-Esalq/USP